

MACHADO DE ASSIS: UMA EXPERIÊNCIA NO CURSO DE JORNALISMO.

REGINA CARVALHO PACHECO (UFSC)

A palavra, o discurso e o poder se contemplam de modo narcisista; cabe-nos tentar jogar uma pedra na lâmina de água (CITELLI, 36).

"Na sociedade moderna, o homem é permanentemente bombardeado por 'verdades' acabadas, embaladas nos mais atraentes e convincentes discursos. Essas 'verdades' lhe chegam através das notícias e programas dos meios de comunicação, das aulas, dos discursos políticos, dos sermões religiosos, etc. Essas diferentes formas de discurso fecham-se em si, em sua maioria, e não dão possibilidade de qualquer descoberta: a verdade está dada, e cabe ao indivíduo apenas assimilá-la.

Algumas das poucas possibilidades de o indivíduo participar do processo de descoberta da realidade, juntamente com o autor do discurso, estão na arte. Por ser uma forma de discurso que admite múltiplas leituras, a arte é um estímulo à descoberta e à criação."

A introdução deste meu discurso é, *ipsis litteris*, a introdução que meu aluno Robert Willecke do Curso de Jornalismo da UFSC, deu a seu trabalho de conclusão do semestre, intitulado "Machado de Assis e a persuasão na Linguagem". E foi justamente por ter desenvolvido este estudo com os alunos de Jornalismo, a quem leciono duas cadeiras subseqüentes e obrigatórias de Reda-

ção, que fui convidada para debater a experiência.

Tem sido uma constante, no meu trabalho como professora de Redação, ter sempre, a par dos estudos preparatórios para a escrita, uma unidade de conteúdo, em que enfocamos um tema dado, ou mais de um, com a finalidade de fazer os alunos organizarem seus pensamentos, e encararem o texto como um todo, ao invés de frases problemáticas e parágrafos mal divididos e mal estruturados, somente.

Em diferentes épocas, e com turmas diferentes, desenvolvemos trabalhos sobre os conceitos de utopia e os romances ditos utópicos, sobre a crônica, sobre a literatura de mercado - todos atendendo a meu entendimento de que um estudante de Jornalismo deve ter seu interesse pela leitura despertado de alguma maneira, já que ingressam no curso sem ler quase nada. Aliás, nem jornais...

Não creio que seja necessário explicar as razões que me levam a fazê-lo, pois elas são óbvias para alguém de nossa área. A principal - e já não tão óbvia - é a de que não concebo um jornalista, qualquer que seja sua área de atuação, que não conheça ao menos os clássicos da literatura. Neta e filha de jornalista fui, por esta razão, criada entre livros. Meu avô, o jornalista Tito Carvalho, possuía uma biblioteca de cinco mil volumes, e era um homem bastante culto, que exerceu grande influência na minha formação, e talvez tenha sido o paradigma para minha caracterização pessoal de um jornalista. Observem, no entanto, que este não é um ponto de vista pacífico entre a classe jornalística. Há setores da categoria que encaram a profissão como meramente técnica, sem necessidade dessas sofisticções, consideradas "burguesas". No final do ano passado foi publicado, felizmente, o livro póstumo do jornalista Cláudio Abramo, "A REGRA DO JOGO", onde Cláudio diz que

O jornalista precisa ler muito, ler literatura, porque a literatura nos põe em contato com o universo comum dos homens. E também é preciso ler poesia. O grande escritor é universal, e através dele entramos em contato com os problemas do mundo e do ser humano. Toda referência do homem é o ser humano, toda cultura, tudo diz respeito ao ser humano, e não há outra referência mais importante do que essa. E a literatura é o caminho para isso (p.247).

Cláudio repete isso várias vezes, pois considera imprescindível o conhecimento das obras literárias por qualquer um que se destacar na profissão, e este seu aval tem sido de inestimável auxílio, pois mudou um pouco - ousaria até dizer que bastante - a posição quanto ao assunto dentro dos cursos.

Mas isso é outra história. Voltemos ao Machado. A experiência com sua obra foi feita no segundo semestre de 1988, com uma turma de segunda fase. Foi decidido com a turma - e aceito por ela - que um dos itens do programa seria leitura e debate do Dom Casmurro. Este trabalho seria desenvolvido da seguinte forma: primeiramente eles leriam "Linguagem e Persuasão", de Adílson Cietelli, livro que diga-se de passagem, eu adotava pela terceira vez em turmas de Jornalismo, embora o tenha feito, anteriormente, para outro tipo de atividade. Esta leitura foi cobrada diretamente em uma prova, pois, como não houve queixas quanto à compreensão do livro, julgamos desnecessário fazer um debate preliminar. Esta mostrou-se uma avaliação equivocada — como bem sabemos, são geralmente os alunos com dificuldades que deixam para ler o livro na véspera na prova, de modo que os problemas aparecem quando não há mais possibilidade de atendê-los. Para um mês após esta etapa, tínhamos marcado a avaliação da leitura do DOM CASMURRO, uma leitura feita sem nenhum direcionamento de minha parte, apenas para o contato com a obra. Já para esta etapa tomei o cuidado de perguntar se havia problemas de entendimento, e tivemos várias discussões, nos minutos iniciais ou finais das aulas anteriores à prova, conforme as dúvidas iam sendo colocadas. E elas eram as mais variadas possíveis: linguagem, enredo, situações, psicologia das personagens, características da época, etc. Houve mesmo um aluno com quem, nos horários de atendimento extra-classe, li e expliquei os trinta primeiros capítulos, até que ele começou a entendê-los sozinho, exclamando, muito espantado: "Mas esse cara escreve bem à beça, professora!"

A prova foi feita até que com um desempenho bom, de maneira geral, mas o consenso entre a turma era de desagrado. Não gostaram do livro, não gostaram do enredo, não gostaram do final. Em suma, detestaram Machado. As reclamações foram tantas, que fiquei até me sentindo culpada por ter submetido os pobrezinhos a semelhante "tortura"...

No entanto, apesar dos insistentes pedidos de alguns, manteve as etapas como fora programado. A professora Tânia Ramos, na época lecionando Machado para o curso de Letras, e minha 'assessora técnica' em algumas das dúvidas levantadas, fez uma palestra para eles, já tratando, embora de forma não exaustiva, da persuasão em DOM CASMURRO. A turma participou ativamente da palestra, fazendo perguntas e colocações que a própria Tânia — que, como professora de Literatura, tem mais parâmetros de comparação do que eu — considerou bastante inteligentes. Confesso que isso, além de me causar um certo orgulho "coruja", serviu também para me restaurar a confiança, um tanto abalada pelas reclamações constantes, já que, apesar de tudo, eles estavam demonstrando aproveitamento acima do esperado.

Para fechar o estudo feito, a turma teria que elaborar o trabalho final, cuja estrutura foi fixada em três partes principais, além da introdução e conclusão. Na primeira, fariam uma síntese do livro de Citelli, ressaltando os aspectos que empregariam na terceira parte; na segunda, uma síntese do DOM CASMURRO, basicamente o enredo, mas também com destaque dos pontos relevantes para a terceira, que poderia, por sua vez, ou analisar as formas de persuasão empregadas pelo narrador Bentinho (praticamente o foco da palestra da Tânia), ou algum outro aspecto do livro do CITELLI que considerassem adequado.

E daí começaram a surgir algumas surpresas agradáveis. Tendo que reler LINGUAGEM E PERSUASÃO, muitos deles, pelo próprio aprofundamento que uma releitura cuidadosa proporciona, notaram a importância das noções que ele contém, não apenas para o estudo em pauta, como também para a profissão que escolheram. Já a reação à releitura do DOM CASMURRO não foi tão pacífica. Os poucos que tinham gostado do livro, passaram a gostar ainda mais; os que tinham detestado, passaram a detestá-lo ainda mais, se é que isso fosse possível.

Os trabalhos finais, apesar de tudo, foram de boa qualidade. Os que obtiveram o maior conceito fizeram uma síntese perfeita do que tinha sido lido e exposto. Destes, a destacar, o de Geraldo Hoffmann, que trabalhou sobre o conceito de discurso dominante exposto por CITELLI, principalmente no da Instituição Igreja, como está expresso em Dom Casmurro, e o de Robert Willecke,

já citado, que trabalhou o enfoque geral da persuasão, da maneira irritantemente perfeita de sempre.

É interessante observar que mesmo hoje, quase um ano depois, e eu não sendo mais a professora daquela turma, o Dom Casmurro ainda é motivo de brincadeiras e comentários entre nós. Vou-me permitir contar duas historinhas a respeito. A primeira, diz respeito à minha primeira aula, no início deste ano, para os calouros. Estava no meio de uma exposição, quando a turma do ano passado, saindo de sua aula, veio para a porta da minha. Pararam, olharam, acenaram, cumprimentaram, até que alguém gritou: "Não te esquece, Regina! Dom Casmurro neles!" E todos se puseram a descer as escadas, gritando em coro: "Dom Casmurro neles!" A segunda, e mais surpreendente, envolve o aluno que mais se queixou de Machado, e com tanta persistência, que chegou a me deixar irritada por mais de uma vez. Pois ao encontrá-lo na saída das aulas, outro dia, veio me perguntar se eu tinha um livro de contos de Machado para lhe emprestar. Ao ver minha cara de espanto, saiu-se com a seguinte explicação: "Depois de ler o Dom Casmurro, e não gostar, fui ler Quincas Borba e Memórias Póstumas, que formam a trilogia. Continuo não gostando. Mas como disseste que os contos são excelentes, quem sabe eu gosto dos contos?"

E foi justamente esta historinha que me fez ver que, afinal, o esforço tinha valido a pena. Sempre vale. Não só pela persistência deste aluno em, afinal, gostar de Machado, como pelas eventuais referências que aparecem, e de que eles nem se dão conta: ele estava com um olhar tão dissimulado e oblíquo... Aquele cara é um José Dias da vida..., coisas assim.

Se me perguntarem, no entanto, se repetiria a experiência, respondo que não da mesma forma, não com um romance de Machado. Penso, porém, em desenvolver uma unidade com o estudo de alguns contos, talvez visando à teatralização, ou telenovelação, tarefas que lhes agradam bastante.

Introduzi esta comunicação com a introdução de Robert, e concluo com sua conclusão:

"Cabe, é claro, ao leitor, ou ao destinatário de qualquer tipo de discurso, procurar capacitar-se adequadamente, tanto para ler um romance de Machado de Assis, quanto para fazer uma leitura

ra crítica dos discursos com que somos bombardeados. Não é tarefa fácil, certamente, mas fará da leitura da obra de Machado de Assis, ao invés de um tormento, um prazer, e da reflexão sobre a realidade, uma possibilidade de transformação."

Bibliografia

- CITELLI, Adílson. *Linguagem e persuasão*. São Paulo, Ática, 1986. Série Princípios, 2ª edição.
- HOFFMANN, Geraldo. *O 'discurso dominante' em Dom Casmurro*. (trabalho de conclusão de fase).
- ABRAMO, Cláudio. *A regra do jogo*. São Paulo, Companhia das Letras, 1988.
- MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. *Dom Casmurro*. Qualquer edição.
- WILLECKE, Robert. *Machado de Assis e a persuasão na linguagem*. (trabalho de conclusão de fase).

